

O QUE MUDA NA EDUCAÇÃO

ESCOLHA DE DIRETORES DAS ESCOLAS

COMO É

Em 1995, os diretores passaram a ser eleitos diretamente pelos estudantes, pais, professores e servidores de cada escola. Além dos professores, os auxiliares escolares também podiam concorrer — desde que tivessem curso superior e fossem candidatos à direção de escolas de ensino fundamental. A extinção do processo foi sugerida pelo Executivo e aprovada em setembro pela Câmara Legislativa.

COMO SERÁ

A partir de 2000, os diretores voltarão a ser indicados pelo governo, a partir de uma lista tríplice. Poderão concorrer professores com pelo menos cinco anos na Fundação Educacional, três deles em sala de aula. Cada candidato fará um curso preparatório antes de passar por uma prova escrita, uma revisão de seu currículo e uma análise de sua proposta pedagógica. Será exigida licenciatura em Pedagogia-Administração Escolar ou especialização em Gestão da Escola Pública.

A mudança tira da comunidade o direito de escolher o diretor e de analisar as diferentes propostas pedagógicas, que serão estudadas apenas pela Secretaria de Educação. Para Rogério Córdova, é uma perda. “A eleição reconhece na comunidade a capacidade de opinar e controlar a política de educação escolar”, afirma. “É uma questão de cidadania.”

Isaura Belloni, que participou da elaboração de projetos como a Bolsa-Escola entre 1995 e 1996, lembra que a eleição indireta não leva em conta a liderança. “Mais importante do que um diploma em gestão escolar é a boa relação do diretor com os professores, servidores, alunos e pais.”

EDUCAÇÃO ESPECIAL

COMO É

Alunos portadores de deficiências mentais, físicas ou sensoriais estudam em centros de ensino especial. O governo passado deu início à integração desses estudantes a classes regulares ou turmas especiais de até 12 alunos em escolas tradicionais.

COMO SERÁ

A partir do ano que vem, algumas escolas regulares receberão alunos das especiais em caráter experimental. A intenção é integrar os deficientes. Os casos mais complicados, avaliados por professores, pedagogos e psicólogos, continuarão nos centros especiais. A transferência depende da concordância dos pais por escrito. A decisão reflete uma tendência mundial de socializar crianças com necessidades especiais. Quando bem feita, a inclusão beneficia também os não-deficientes, que convivem com a diferença e perdem o preconceito. Córdova elogia a idéia de consultar os pais. “A consulta à sociedade deveria ser uma prática constante”, argumenta. “Deveria ter ocorrido, por exemplo, para verificar a aprovação a outros programas governamentais.”

DEPENDÊNCIA E RECUPERAÇÃO PARALELA

COMO É

Aluno reprovado em até duas disciplinas pode avançar de série, desde que reveja os respectivos conteúdos sob orientação do professor, que avaliará se ele superou as deficiências e frequentou 75% das aulas de recuperação.

COMO SERÁ

A dependência continuará, mas a Secretaria estuda projeto de lei propondo que a aprovação do aluno dependa de avaliações de desempenho.

CURRÍCULO

COMO É

Os professores têm uma lista de conteúdos a ser ministrada aos alunos de cada série. A carga diária de aulas no ensino fundamental (1ª a 4ª série) é de quatro horas no ensino seriado e de cinco horas no não-seriado (Escola Candanga). Da 5ª à 8ª série, os alunos têm 25 aulas semanais. No ensino médio, 15% das escolas têm 30 aulas a cada semana — as demais, 25 aulas. No ensino médio noturno, a matrícula é por disciplina.

COMO SERÁ

Baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Cibelle Colmanetti
e Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

A educação pública no Distrito Federal mudará no ano 2000. Depois de onze meses de mandato, o governo Joaquim Roriz (PMDB) teve tempo para rever o que foi feito pela gestão Cristovam Buarque (PT) e mexer em vários programas da gestão anterior. O fim da eleição para diretores de escola, o congelamento da Bolsa-Escola e a extinção da Escola Candanga.

Houve alguns recuos, é certo. O jardim de infância, por exemplo, foi mantido depois das críticas em resposta à decisão de não abrir novas turmas para o primeiro e o segundo período. Houve ainda projetos reativados depois de quatro anos na gaveta.

Aos poucos, as modificações vão moldando a administração escolar ao estilo da nova secretária de Educação, Eurides Brito. Centralizadora, ela sempre questionou decisões do governo do PT e

Carlos Moura



ESCOLA CANDANGA

COMO É

Em vez de oito séries, os alunos do ensino fundamental cursam três fases, com turmas por faixa etária — 6 a 8 anos, 9 a 11, e 12 a 14. A terceira fase nunca chegou a ser implementada, mas as duas primeiras funcionavam, no ano passado, em 270 das 310 escolas de ensino fundamental. Não há reprovação: os estudantes avançam à medida em que evoluem em cada disciplina e o fracasso em uma matéria não implica atraso nas demais. A carga horária dos alunos subiu de quatro para cinco horas diárias. Criado em

1996, esse modelo atinge quase um terço das escolas e 79.509 dos 165.868 alunos do ensino fundamental. Temas como direitos humanos, sexualidade e combate às drogas são discutidos em sala de aula.

COMO SERÁ

Acaba a Escola Candanga. Seus alunos voltarão para o ensino seriado, mas ainda terão cinco horas de aula por dia. O novo modelo foi extinto em algumas escolas ainda no início de 1999. José Edmar Queiroz, 28 anos, matriculou seu filho Calil (foto), de 6 anos, na 1ª fase da Escola Candanga, em Ceilândia. Um mês depois, viu o menino voltar para as aulas tradicionais. “Escolhi a Escola Candanga porque Calil estudaria cinco horas diárias, ficaria numa turma com colegas

nunca fez segredo de sua aversão à gestão democrática nas escolas. Logo que assumiu o cargo, decidiu avaliar os programas, encomendando provas e pesquisas. Com os resultados, elaborou a política educacional para o próximo ano.

A convite do **Correio**, dois especialistas em Pedagogia, Rogério Córdova — vice-diretor da Faculdade de Educação da UnB — e Isaura Belloni — pesquisadora associada da Faculdade de Educação da UnB e ex-diretora da Fundação Educacional do Distrito Federal — comentaram as novas medidas. Em geral, concluíram que o governo preferiu extirpar programas reconhecidos nacionalmente e aperfeiçoá-los. “Em educação, a continuidade é muito importante”, diz Isaura.

Os dois também fizeram elogios à meta de universalizar o acesso à educação infantil e à integração dos portadores de necessidades especiais em escolas regulares.

A seguir, o que muda no ensino público do Distrito Federal a partir do ano que vem.

da mesma faixa etária”, conta Edmar. “Além disso, a proposta pedagógica era muito mais rica e sua professora teria tempo para elaborar as aulas, pois não seria obrigada a assumir outra turma”. Morador da Colônia Agrícola de Samambaia, o professor de Filosofia fica revoltado porque o modelo foi mantido no Plano Piloto. Com outros pais, ele entrou com uma representação no Ministério Público pedindo a continuidade das cinco horas de aulas por dia. Segundo Isaura Belloni, o projeto da Escola Candanga não foi imposto. Como as escolas puderam escolher se o adotariam, a comunidade acadêmica realmente teria se envolvido. “Acabar com o programa de modo autoritário é desconsiderar o compromisso dos professores com um novo ensino”, afirma.

COMO SERÁ

Os programas voltarão no ano que vem. Encerrado o período regular de matrículas, voluntários visitarão as casas buscando crianças não matriculadas. É o programa A Escola Bate à Sua Porta. Haverá ainda o Visitador Escolar, com voluntários indo às residências de alunos faltosos sem justificativa para a ausência. O programam é simpático ao vice-diretor Rogério Córdova, pois estimula o contato entre escola e comunidade. Ele frisa que os próprios professores deveriam ir às casas dos alunos.

TURMAS DE REINTEGRAÇÃO / ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM

COMO É

As turmas ajudam os alunos que repetiram de ano ou abandonaram a escola duas vezes ou mais a recuperar o tempo perdido. Usa-se material didático específico aplicado por professores treinados.

COMO SERÁ

As turmas de reintegração serão substituídas por classes de Aceleração da Aprendizagem, com até 25 alunos e regime de cinco horas diárias. Os 19 mil estudantes nessa situação poderão avançar duas séries por ano. Em 2000, a experiência se limitará às turmas de 1ª à 4ª série.

EDUCAÇÃO INFANTIL

COMO É

Em 1997 e 1998, as crianças de seis anos foram matriculadas na Escola Candanga, criando novas vagas de pré-escola para o primeiro e o segundo período (4 e 5 anos de idade). De 1994 a 1998, as